

O MARXISMO LOUCO DE MARK FISHER: POR UMA POLÍTICA RADICAL DE SAÚDE MENTAL

THE MAD MARXISM OF MARK FISHER: FOR A RADICAL MENTAL HEALTH POLICY

Emiliano Exposto¹

<https://orcid.org/0009-0007-4687-9283>

Tradução de Gabriel E. Vitullo

<https://orcid.org/0000-0002-7019-8820>

RESUMO

“Marxismo Louco” busca combinar os registros da experiência vivida, do ativismo e da situação argentina na interpretação do pensamento de Mark Fisher. Realizo uma leitura do crítico cultural inglês, revisando suas contribuições para uma teoria crítica do desconforto e uma práxis anticapitalista em saúde mental. Nas duas primeiras seções reconstruo certos aspectos da recepção pessoal e geracional de Fisher na Argentina. Em seguida, delinco os rudimentos conceituais de uma investigação filosófica da “depressão ansiosa” baseada em K-punk. Em quarto lugar, analiso as hipóteses da política dos sintomáticos e da “classe do perturbariado”, considerando o deslocamento ambivalente da autoconsciência coletiva para o autodiagnóstico individual. Na quinta seção, examino as economias do mal-estar em virtude da problematização da normatividade psíquica inerente à dominação capitalista. E, por fim, traço um breve contraponto entre Fisher e um intelectual das “novas direitas” em torno da crise emocional.

Palavras-chave: Marxismo; Saúde mental; Desconforto; Teoria Crítica; Ativismo.

ABSTRACT

In “Mad Marxism” seeks to combine the registers of lived experience, activism and the Argentinean conjuncture in the interpretation of Mark Fisher's thought. I make a reading of the English cultural critic reviewing his contributions for a critical theory of discomforts and an anti-capitalist praxis in mental health. In the first two sections I reconstruct certain aspects of Fisher's personal and generational reception in Argentina. Then I outline the conceptual rudiments of a philosophical

¹ Doutor em Filosofia. Pesquisador do Conselho de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET/Argentina) e Professor da Universidade de Buenos Aires. E-mail: expostoemiliano@gmail.com

investigation of “anxious depression” from K-punk. Fourth, I analyze the hypotheses of the politics of the symptomatic and the “class of the deranged,” attending to the ambivalent shift from collective self-consciousness to individual self-diagnosis. Fifth, I examine the economies of discomfort by virtue of problematizing the psychic normativity inherent in capitalist domination. And finally, I trace a brief counterpoint between Fisher and a “new right” intellectual on the crisis psychic.

Keywords: Marxism; Mental health; Discomforts; Critical Theory; Activisms.

1. POR QUE AMAMOS TANTO FISHER?

Li Mark Fisher pela primeira vez em 2016. “Você leu *Realismo Capitalista?*” foi a pergunta exaltada de um querido amigo, com quem fazíamos parte do coletivo de filosofia *El Loco Rodríguez*. O tom imperativo da sua voz não deixava dúvidas: eu tinha que ler aquele livro, embora o seu autor fosse um completo desconhecido para mim. “O cara fala sobre todas as coisas que tentamos pensar no *El Loco* ... a melancolia de esquerda, o mal-estar, o pós-punk, a subjetividade neoliberal, o fracasso...”. Perplexo e entusiasmado, fui procurar o livro na livraria mais próxima. Para minha confusão, era um texto bastante curto. Eu esperava um calhamaço de 500 páginas. Peguei-o com o canto do olho, imbuído de um sentimento de suspeita e descrença. Minhas leituras setentistas daqueles anos me faziam olhar com receio as novidades do mercado editorial, mas o contato com o primeiro capítulo me deixou atônito. Meio nocaute. Não se poderia escapar ileso daquela frase, agora citada até a exaustão: “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2020a, p. 10).

Foi assim que começava o livro e, na verdade, eu teria ficado a viver lá para sempre. Quem poderia me culpar: estávamos no primeiro ano do governo de Mauricio Macri na Argentina e nossos ânimos estavam por um fio. Era muito complicado encontrar algum refúgio, uma mínima trincheira que nos tirasse da impotência, da raiva e da frustração. Oscilava-se entre a tristeza face à crueldade, a incerteza econômica e a fraca esperança de uma reativação dos circuitos contraculturais da cidade. Depois de ler o livro inteiro, em dois dias de comoção e voracidade, descobri que Fisher estava morto. Ele havia se suicidado fazia apenas alguns meses. A notícia me impactou, embora algo em mim já o soubesse. Algo semelhante aconteceu comigo com Kurt Cobain quando eu era adolescente. Escutava o grito selvagem de suas letras, o desarranjo calculado das guitarras, e pareciam pertencer a outro mundo. Não estavam vivas nem mortas. Quando descobri que Cobain havia se suicidado, já era tarde demais: eu já era fã do Nirvana. Os textos de Fisher sofreram o mesmo destino: hoje habitam uma ontologia espectral. Frágil e à espreita. Doentia. Viciante.

Desde aquela primeira leitura, as ideias fisherianas passaram a fazer parte da minha vida. Nelas se condensam os enigmas de uma vitalidade turva e pegajosa. Alegre e sombria em partes iguais. Graças ao Fisher, pude conhecer muita gente linda e machucada, pois ele é um autor que nunca se lê em solidão. A dor da sua morte, porém, deixou-nos o dom de uma comunidade. Hoje a nossa relação com os seus livros é uma história de amor, feita de sonhos e cumplicidades, de ausências e lutos impossíveis. Sempre me chamou a atenção que o diagnóstico sombrio do *Realismo Capitalista* termine com um texto encorajador. Excitante. O apêndice intitula-se “Desejo pós-capitalista” e é difícil resistir à tentação de ler ali uma saída para a cilada dos primeiros capítulos. Mas não se trata de um mero contraponto entre o pessimismo da pulsão e o otimismo da razão. Algo mais complexo é elaborado nesse trânsito. No apêndice, o insidioso cancelamento do futuro e as perturbações psíquicas do capitalismo são contestadas através de um apelo ao excesso e à ambivalência do erotismo. O último livro de Fisher (2024), precisamente intitulado *Desejo pós-capitalista*, foi publicado na Argentina poucos meses depois da ascensão de Javier Milei à presidência da Nação.

Entrei no livro sabendo que seria a última coisa que leríamos de K-punk. O texto reúne as primeiras aulas do ambicioso curso que ele lecionava na *Goldsmith University* quando tomou a decisão “tragicamente pessoal” de se suicidar. É um seminário insuportável. Impossível de ler. Ou melhor, impossível de fazê-lo sem chorar. Nos coloca em uma espécie de *loop*, semelhante à nossa jornada que vá de 2016 até este presente enlouquecedor. A última sessão é intitulada “Marxismo libidinal” e está centrada em Lyotard, Deleuze e Guattari. “Pode-se desejar o fascismo?” é a perturbadora pergunta do inglês que hoje lemos com horror e curiosidade, como se falasse diretamente a esta época. A nossa conjuntura, ameaçada pela ofensiva ultradireitista do capital. Portanto, se o “marxismo libidinal”, que vai de Reich a Fisher, passando por Rozitchner e Marcuse, é identificável com as energias góticas do desejo a serviço da transformação, por que não conjecturar que o “marxismo louco” procura dar uma *disputa anímica* em torno de nossos mal-estares, prazeres e sintomas? De qualquer forma, desde *o amor à primeira vista*, Fisher para mim é mais do que um autor ou uma série de textos. É uma atmosfera, uma paisagem demencial onde se confundem a inteligência teórica desesperada e o raivoso entusiasmo político.

2. K-PUNK: UMA SENHA GERACIONAL

Este artigo está fadado ao fracasso desde o início, dada a enorme dificuldade de ser fiel ao *acontecimento* que Fisher marcou para mim e para muitos da minha geração. Em *Vir depois*, Santiago Roggerone (2020) faz de Fisher o guia espiritual de uma certa geração. O núcleo gravitacional de uma constelação de discussões, afinidades inesperadas e sensibilidades teóricas na esquerda cultural. O inglês seria o *sintoma geracional* daqueles de nós que viemos depois de 2001. Quando enuncia essa palavra escorregadia, a palavra

“geração”, Roggerone não indica uma faixa etária de indivíduos, uma coorte de intelectuais ou um grupo militante. Pelo contrário, nesse sintagma falho ele localiza os termos nodais para investigar o *inconsciente político* do nosso presente. Uma estrutura de sentimentos compartilhados. Através de Fisher, ele procura captar certas perguntas intempestivas e respostas esgotadas.

Quando a tradição oprime o cérebro dos vivos, Fisher pode ser um aliado na tarefa de revitalizar a imaginação teórica e militante. Roggerone, no entanto, tem a generosidade sociológica de especificar que a geração do vir depois é aquela nascida à vida política nos anos kirchneristas. Entre a profunda crise dos anos noventa, a revolta de 2001 e a selva libertária do agora. É claro que não se refere a “uma geração inteira”, como se isso fosse possível, mas antes a certos afetos dispersos e perguntas comuns. O mais surpreendente da definição de Roggerone é que Fisher cumpriria o papel de Sartre nos anos sessenta, Althusser nos setenta, Foucault nos oitenta, Negri nos noventa, Laclau nos dois mil e Federici para os feminismos populares. Se Ignacio Lewkowicz foi como um guru para a geração de 2001, *Fisher é o nosso mestre*. O professor ausente de uma geração que chegou tarde à rebelião popular e cuja sensibilidade traz as marcas dos assombros persistentes do terror na democracia pós-ditatorial e do trauma coletivo da pandemia.

K-punk é uma “senha geracional”, costuma dizer Juan Mattio (2023). Portanto, cabe a nós, até certo ponto, evitar que ele se torne um objeto de consumo ou um acontecimento estético no sentido banal do termo. Na mutação das paixões teóricas que vão de Sartre a Fisher, ocorre algo mais do que uma simples substituição de autores, modas editoriais e ânsia por novidades. Seus livros prefiguram uma conspiração de sintomáticos²; uma aliança entre aqueles que não temos nada em comum, exceto os danos sistêmicos. O comunismo das vidas quebradas: a insistência do desejo emancipatório apesar das derrotas, decepções e retrocessos. Os que foram transformados por sua obra sabem que foi um antes e um depois em nossas vidas. E que, neste denso instante de perigo, ficamos com o efeito evanescente de certos problemas coletivos que sustentamos e que nos sustentam. Fisher, portanto, é um ponto de encontro entre socialistas nostálgicos, ratos de biblioteca, militantes da noite, intelectuais inorgânicos, escritores góticos, autonomistas anônimos, aceleracionistas arrependidos, feministas obscuras, leninistas desencantados e uma lista inverificável de etcéteras. Porque estamos todos unidos por uma pergunta que nunca podemos deixar de nos formular: o que diria Fisher se estivesse conosco?

No meu caso, Fisher foi o autor que abriu os estranhos portais da saúde mental. Não apenas ressignificou minhas leituras anteriores e posteriores, mas também desbloqueou um conhecimento sensível que emerge das próprias cicatrizes psíquicas. Um conhecimento do corpo, cuja incômoda mistura de desconforto e vitalidade não deve ser ignorada. K-punk ensinou-nos a fazer teoria sob o signo da raiva e da frustração, dando origem a momentos estimulantes do pensamento e também à dureza do fracasso, ao bloqueio criativo e à desorientação política. Ele nos ensinou a ser ativistas abrigando a política dos sentimentos comuns de desilusão, entusiasmo e conflito, sem romantizar a tristeza nem

² Sobre a noção de “sintomático”, consultar Exposto (2023).

exaltar a confiança coletiva. Entre tantos aprendizados, sempre me interessei por um gesto em especial. Aquele gesto sutil e complexo que, com o mesmo órgão, afirma uma afetividade situacional e uma radicalidade programática. Estou falando daquela inteligência tão fisheriana de emprestar uma escuta delicada às circunstâncias mais minúsculas da vida e, ao mesmo tempo, manter uma intransigência anticapitalista no plano estratégico. O que é este gesto senão o milagre de uma confluência entre contracultura e a luta de classes? Disputa anímica e sindicalismo. Libido e poder. Revolução do desejo e desejo de revolução, enredados numa tensão insolúvel na qual se dirime o nosso compromisso de não deixar o fantasma ir embora.

3. TEORIA CRÍTICA DA “DEPRESSÃO ANSIOSA”

Tive um sonho que poderia resumir a concepção fisheriana da depressão: Eu, Emiliano Exposto, recebo um e-mail de Emiliano Exposto que diz o seguinte: “Emiliano, seus textos e aulas são péssimos. E você é um idiota. Saudações, Emiliano.” A depressão tem a força de uma voz severa, que julga e incrimina. “Você é um idiota”, é a sentença onírica. O corpo sofre e a mente não tem trégua quando a carne se afoga. O sintoma desencadeia uma angústia acalorada: autoexigência e culpa, reprovação e vergonha. Kierkegaard chamou isso de “desespero”: o esgotamento de ser você mesmo, diria Ehrenberg, mas de não poder deixar de sê-lo. “Você vai morrer de aceleracionismo”, me repete um amigo prudente em outro sonho. Poucos dias depois, lembrei-me dos movimentos de velocidade e repouso de que falava Spinoza e cheguei à tímida conclusão de que *a ansiedade é o reverso da depressão*. Um sintoma de intensidades e ritmos. Um impulso voraz que nos impede de parar de fazer e trabalhar. As forças sociais que se encarnam nestes sintomas induzem uma oscilação entre mania hiperativa, fadiga e baixo astral³.

Fatalismo no político (“nada pode mudar”), voluntarismo mágico no individual (“se você se esforçar, tudo é possível”) e competição implacável no econômico (Fisher, 2020b, p. 331). Essa poderia ser a fórmula política, subjetiva e econômica na qual se condensa o segredo histórico da depressão estrutural das *multidões perturbadas*. Estamos doentes de futuro⁴: a lenta obstrução de uma alternativa à sociedade capitalista gera “inúmeras patologias”, que vão desde o bruxismo, a insônia, as contraturas e o apagão libidinal até as sensações de não ter tempo, de não estar à altura, de não se sentir capaz de sair da cama, de nunca ser o suficiente e sempre querer mais. A premissa fisheriana é que a crença expandida segundo a qual “o capitalismo neoliberal [não] seria a melhor opção, a mais desejável [...], mas [o] único [sistema] possível” (Fisher, 2020a, p. 180), causou “inúmeros danos colaterais em nível psíquico” (Fisher, 2016, p. 131).

³ Em outro texto desenvolvi diversas reflexões a partir do mesmo sonho: Exposto (2022).

⁴ Veja-se *Parir futuro*, de Juliana Colângelo (2024).

Para Fisher (2018, p. 97), “a depressão é, afinal e acima de tudo, uma teoria sobre o mundo e a vida”. Uma denúncia do estado desprezível do mundo, que produz um certo apelo à atenção vital. Um alarme, estridente ou silencioso, para mudar avassaladoras condições de vida. Onde reside o político do aborrecimento e da relutância, da inércia, da inveja e da inibição? Quando falar sobre os sentimentos pode desencadear uma ação política? O saber das *emoções quebradas* fornece mensagens tão confusas quanto precisas sobre a “correlação entre as taxas crescentes de transtorno mental e a variante neoliberal do capitalismo” (Fisher, 2017, p. 45). Em Fisher, a loucura, o mal-estar e a doença podem ser concebidas como *métodos de investigação* do presente. Uma leitura afetiva da conjuntura (Guggiari, 2023). Estas são *palavras-chave* a partir das quais tentamos penetrar nos mistérios da vida sensível no capitalismo tardio⁵

“Precisamos reverter a privatização do estresse e reconhecer que a saúde mental é um problema político” (Fisher, 2020b, p. 356). À luz da atual *crise anímica coletiva*, é possível argumentar que a depressão e a ansiedade têm algo a nos dizer sobre *todos* nós. Longe de romantizar a dor ou fetichizar as feridas, Fisher explora as texturas opacas e a ambiguidade potencial das sensações ruins, sob a premissa de que os sentimentos fornecem informação delicada sobre os nossos mundos. Procura despatologizar os “problemas de saúde mental” para vê-los como uma arena de pensamento e de elaboração política, em vez de abordá-los como passividade inerte ou se apressando em transformar a angústia em algo produtivo. O mal-estar pode nos isolar, fazer com que nos sintamos presos e tomar conta de nós. Se em algumas ocasiões desencadeia ações e apoios coletivos, em outras pode levar à vergonha e ao trauma. Fisher, nesse sentido, não localiza no desconforto o lugar incontaminado de uma verdade, nem um sinal *a priori* de rebeldia ou submissão, mas tenta produzir conhecimentos alternativos mergulhando em seus desprazeres, nuances e becos sem saída.

O *marxismo louco*, nesse sentido, é uma chave para a leitura de certas áreas do pensamento fisheriano. Situo a chamada saúde mental como um problema de pesquisa filosófica, uma reflexão cotidiana sobre as emoções e uma prática de ativismo contracultural. Mas este não é apenas um artigo sobre Fisher, mas a partir dele. Reconstruo alguns eixos do seu trabalho a partir das minhas próprias inquietações, inseridas no contexto de uma renovação das perspectivas críticas sobre o mal-estar, a loucura e a neurodivergência. Cada capítulo, portanto, propõe certos *deslocamentos* sobre esses debates do presente. O marxismo louco tem o objetivo mais amplo de contribuir para a filosofia política e os ativismos no duplo sentido de percorrer os sinuosos caminhos de uma *teoria crítica do mal-estar* e de uma *práxis anticapitalista em saúde mental*.

Existe algum tipo de relação interna entre a análise marxista do capitalismo e a política fisheriana da “doença mental”? Para a antipsiquiatria clássica e a esquizoanálise, a esquizofrenia era considerada “a condição que demarca os limites exteriores do capitalismo” (Fisher, 2020a, p. 64). O cerne esquizo da matéria apontava o limite e o além do limite do capital. Hoje, porém, podemos sustentar que a ansiedade depressiva é o

⁵ Veja-se *Depresión: un sentimiento público*, de Ann Cvetkovich (2024).

“transtorno mental” típico do interior da “bipolaridade do capitalismo” (Fisher, 2020b, p. 255). A ansiedade, a depressão ou os transtornos são, de fato, as linguagens que expressam o adoecimento e a dor subjetiva no neoliberalismo (Prati, 2023). Por exemplo, se para Deleuze e Guattari a axiomática capitalista “esquizofreniza” o campo social, liberando e aprisionando fluxos de todos os tipos e cores sob a abstração quantitativa do dinheiro; em Fisher, o capital nos exalta e humilha, nos inflama e irrita num mesmo movimento de ascensão e queda ciclotímica da economia libidinal. Tanto que a angústia existencial do neurótico dá lugar a um certo cansaço hiperativo.

A *repressão* do desejo no fordismo (Reich) e a *pressão* do erotismo no pós-fordismo (Guattari) se deslocam para a *depressão ansiosa*. O sacrifício disciplinar do corpo através da repressão autoritária hoje tende a dar protagonismo aos imperativos impassíveis do crescimento pessoal, a flexibilidade e o sucesso, a gestão empresarial de si mesmo e a inflação do eu. A fluidez mercantil alimenta-se da exploração dos nossos estados de ânimo, ao mesmo tempo em que reproduz as prejudiciais sensações em uma oscilação entre a “mania desenfreada” e a “queda depressiva” (Fisher, 2020b, p. 345).

O importante aqui é lembrar que a depressão e a ansiedade não se deixam rotular como uma síndrome médica ou um déficit psicológico. Segundo Fisher, são uma *sensibilidade estrutural* ou uma *atmosfera sensacional da época*, que quebram as intrincadas barreiras entre o interior e o exterior, o mental e o somático, o individual e o coletivo, o normal e o patológico. Ao mesmo tempo, o mal-estar não expõe imediatamente as suas ligações com o capitalismo, mesmo quando se tornou um território de discussões públicas sobre como a exploração e a opressão *são vivenciadas*. Para Fisher, a confusão entre vida e trabalho sob o feitiço mercantilizador da forma empresarial revela-se como o prelúdio da depressão e da ansiedade. Essa sedução ideológica é um exemplo cabal da vertiginosa meritocracia do individualismo e do clima sufocante de quebra da solidariedade, de austeridade econômica e de colapso das instituições, todo o qual nos leva a introjetar a inferioridade de sermos “bons pra nada” e “responsáveis pela nossa miséria”.

Diante deste cenário desolador, a “privatização do stress” leva a assumir a culpa individual pelos danos sistêmicos, uma vez que as pessoas são responsabilizadas pelos tratamentos terapêuticos ou farmacológicos que deveriam seguir para se sentirem melhor (Fisher, 2016, p. 125). Estamos perante um “sistema de captura” no qual o capital nos faz adoecer e as empresas farmacêuticas “vendem drogas para nos fazer sentir melhor”, na medida em que é mais simples dar conselhos terapêuticos ou prescrever medicamentos do que mudar radicalmente os nossos estilos de vida (Fisher, 2016, p. 35). Esta “ideologia da cura” (Clare, 2021) faz da saúde mental uma cultura normativa carregada de categorias ultrapassadas, estigmas segregativos e soluções estereotipadas.

Por trás do controle inapelável através da ansiedade ou do declínio da atenção, Fisher nos convida a pensar uma *questão política* ligada à precarização do trabalho, os vínculos e os territórios. É por isso que considera que “A tarefa de repolitizar a saúde mental é urgente se a esquerda deseja desafiar o [realismo capitalista]” (Fisher, 2020a, p. 67). De fato, a catástrofe climática e o “asteróide da saúde mental” (Colquhoun, 2021, p. 151) são

apresentados como o *real* da fantasia mercantil. O feitiço do mercado encontra-se com um “vazio traumático”, evidenciando o *colapso social, psíquico e ecológico*; e, por sua vez, a dificuldade de ver, pensar e imaginar além das *categorias do capital* (Fisher, 2020b). Porque a “praga invisível dos transtornos psiquiátricos” endossa a “dimensão do real que o realismo capitalista é incapaz de processar” (Fisher, 2020b, p. 259). O real da crise anímica ilumina a *negatividade do sintoma*: a “recusa a se acomodar aos horizontes fechados do realismo capitalista” (Fisher, 2018, p. 48).

A hipótese fisheriana é que o realismo capitalista funciona como uma “ontologia empresarial”, que traduz o *mal-estar sistêmico* em termos de rótulos psiquiátricos, distúrbios clínicos ou explicações sociológicas unilaterais. Mas no mal-estar coagula-se um repúdio sensível às injustiças, de modo que a angústia é a contrapartida estilizada do consumismo, da “impotência reflexiva” e do “hedonismo depressivo”. A inflação de diagnósticos psiquiátricos, a explosão de ofertas terapêuticas e farmacológicas e a psicologização dos problemas sociais mostram que as multidões estão atormentadas e confusas. Sem comunidades de pertencimento, só lhes resta a via do diagnóstico, o tratamento terapêutico individual e a medicação para tratar o que exige uma profunda transformação das relações sociais. Neste sentido, o *gozo do capital* “captura o descontentamento generalizado” e “metaboliza os desejos de liberdade”, ao *subsumi-los* naquilo que Fisher chama de “sentimentalismo controlado”, a “exploração afetiva” e a “economia libidinal do trabalho e do sofrimento”.

A “privatização do stress” reduz as doenças sob esquemas normativos, resultantes de “complexos psicológicos da primeira infância” ou “desequilíbrios químicos do cérebro individual” (Fisher, 2017, p. 45). Embora Fisher assuma os “correlatos neurológicos” do mal-estar, a sua tese é que a biologização e a mercantilização andam de mãos dadas com a *despolitização*⁶. Dizer que o mal-estar tem “instâncias neurológicas”, segundo o inglês, nada acrescenta sobre suas causas sociais e dimensões políticas: “Se é verdade que a depressão é constituída por baixos níveis de serotonina, o que ainda resta a ser explicado são as razões pelas quais indivíduos em específico apresentam tais níveis [...]” (Fisher, 2020a, p. 67). Ao localizar os antagonismos subjacentes ao conflito psíquico, o mal-estar pode ser instrutivo: alerta que algo não está bem em nossas vidas.

O estudo fisheriano sobre o “espírito depressivo do nosso tempo” destaca as “condições (culturais, estruturais e políticas) da subjetividade”, uma vez que *o pessoal é político na saúde mental* significa que “o pessoal é impessoal” (Fisher, 2018, p. 56). Segundo Fisher, as aflições mais intransferíveis e imediatas precisam ser apreendidas em sua natureza sistêmica, se quisermos situar o político do tédio, do medo e da desconfiança nas próprias forças. Depressão e ansiedade são categorias políticas, experiências vividas e relações sociais.

O realismo mercantil é um “realismo depressivo”, marcado por uma “monotonia exaustiva” que é a dobra da “decomposição da solidariedade de classe”. Este *inconsciente*

6 Uma discussão rigorosa desta tese de Fisher deveria pelo menos estabelecer um debate com *¿Qué hacer con nuestro cerebro?*, de Malabou (2024), e *Feminismo de las tripas*, de Wilson (2022).

capitalista constitui uma compulsão silenciosa onde o poder do capital governa de costas a nossa vontade, induzindo uma “atitude de resignação e derrotismo”. Como “resultado do projecto de subordinação da classe dominante”, a *depressão política*⁷ poderia ser resumida nestas frases: “as coisas estão a piorar (para todos, excepto uma pequena elite)”; “temos sorte de ter um emprego”; “não podemos permitir-nos a contenção colectiva do Estado”; “não vai acontecer nada, nada do que aconteceu foi tão bom, nada aconteceu”; “Não somos o tipo de pessoa que pode agir”. Dado que os tons de depressão não remetem a uma “mera falha de vontade” ou “mudança de atitude”, o inglês exige paciência com o tempo ubíquo da vergonha, do ressentimento e da desafeição; sem desistir da teimosa tarefa de “inventar novas formas de envolvimento político” que coloquem a saúde mental no centro das suas práticas. Assim como a depressão leva ao retraimento, à agressão e ao isolamento, será que ela também pode abrigar comunidades afetivas?

“O descontentamento praticamente universal não muda o fato de que parece não haver alternativa viável ao capitalismo” (Fisher, 2020b, p. 387). Quando as formas herdadas de mudança social, sejam elas a ação direta ou a teoria crítica, não mais funcionam para transformar a realidade ou para se sentir melhor, a depressão se impõe como uma sonolência fria e exasperante que percorre o corpo (Cvetkovich, 2024). E é por estas razões que hoje a saúde mental é a linguagem preferida que os mal-estares encontram para se fazer ouvir, ainda que seja através das metáforas duvidosas e ambíguas do diagnóstico, que podem nos aliviar ou constranger, abrir portas ou fechá-las. Dado que as “patologias psíquicas” têm as suas “raízes no campo social”, Fisher entende que “a ansiedade é o estado emocional” correlativo à “precariedade económica, social e existencial”.

K-punk acredita que “problemas sistêmicos exigem soluções sistêmicas”: o mal-estar não deve ser abordado apenas no plano “psicológico individual”, mas na “infraestrutura psíquica coletiva”. Fisher (2018, p. 85), porém, lembra que “a depressão não é tristeza, nem mesmo um estado mental, é uma (dis)posição (neuro)filosófica”. A depressão e a ansiedade, por fim, constituem *estruturas do sentir e metodologias de pesquisa*, uma vez que o conhecimento adquire formas afetivas e a agência toma canais laterais de expressão, que não são apreensíveis para a obsoleta teoria marxista da subjetividade reduzida à razão, o lugar na estrutura ou a consciência. É possível, a partir dos “transtornos”, criar um *ponto de vista crítico coletivo* contra as lógicas sociais de produção e distribuição desigual do sofrimento?

4. MULTIDÕES PERTURBADAS: DA AUTOCONSCIÊNCIA AO AUTODIAGNÓSTICO?

Fisher foi professor de ensino terciário por muitos anos. Em *Fantasma da Vida* (Fisher, 2018), ele narra a perspectiva avassaladora de quem percebe que seus jovens

⁷ Veja-se *El optimismo cruel*, de Berlant (2020).

estudantes passam por uma incipiente crise de saúde mental. “Desânimo”, “ansiedade constante”, “apatia”, “perda de sentido”, “déficit motivacional”, “sensação difusa de pânico”, “incapacidade de agir” e “pensamentos suicidas” são alguns dos sintomas identificados pelo professor Fisher em seus alunos. Não só a sua própria condição depressiva lhe permitiu fazer o diagnóstico deslumbrante de uma “praga de doença mental”. Pelo contrário, Fisher nasceu em 1968 e seus alunos tinham cerca de 20 anos quando ele dava aula nas escolas suburbanas de uma classe trabalhadora exausta, atingida pelas derrotas e prestes a ficar sem esperança. A ascensão do realismo capitalista coincidia com a captura comercial do impulso contracultural das décadas de 1960 e 1970 e com a emergência histórica de uma “epidemia de depressão colectiva”. O paradoxo é que sempre me considere um colega de geração de Fisher. No entanto, há poucos meses percebi algo desconcertante: seus alunos tinham a minha idade. De alguma forma, K-punk foi meu professor, nosso mestre, e os adolescentes do passado, nos quais ele percebia uma “praga invisível” de problemas de saúde mental, somos nós como adultos neste presente. Perceber esse detalhe foi o que mais se aproximou de uma revelação religiosa: mudou para sempre minha leitura de Fisher.

Com base na sua experiência pessoal e na sua prática docente, em diferentes passagens da sua obra Fisher pareceria anunciar a emergência histórica daquilo que chamo aqui de *perturbados*: “os milhões que sofreram danos mentais sob o capitalismo [...] poderiam muito bem se transformar na próxima classe revolucionária. Eles realmente não têm nada a perder” (Fisher, 2018, p. 272). Estamos falando de uma espécie de “hiperstição”: uma *ficção teórica* que cria o futuro que prevê gerando um “nós” entre pessoas deprimidas, anoréxicas, loucas, ansiosas, quebradas e atordoadas pelo vampirismo do capital. Um “nós”, disperso e diverso, para o qual a catástrofe é premissa e ponto de partida, e não um diagnóstico derrotista e resignado face àquilo que está dado. Em vez de postular uma nova identidade, procuramos uma “nova forma de antagonismo político” a partir do mal-estar, em oposição à “sensação profunda e generalizada de que nada pode mudar” (Fisher, 2019, p. 264).

Se o estágio atual do capitalismo tardio poderia ser sinônimo de condição clínica (Fisher, 2020a, p. 43), a premissa fisheriana é que a saúde mental é um *problema íntimo e coletivo*. Seu programa teórico baseia-se no fato de que os sentimentos devem ser analisados através de esquemas “políticos e impessoais, e não psicológicos e individuais” (Fisher, 2018, p. 279). No entanto, devemos admitir que o mal-estar é tanto *singular* quanto *comum*. As tramas da dor se inscrevem em cada corpo de forma diferente e desigual, dependendo de suas histórias e entornos. As determinações de classe, gênero ou raça deixam sulcos na pele, de modo que “as marcas de classe estão desenhadas para serem indelévels” (Fisher, 2018, p. 281). *O modo como o classismo se sente*⁸ poderia então ser delineado como uma pergunta fisheriana que compreende as *estruturas de sentimento da classe trabalhadora*

8 A questão “Como se sente o classismo?” retoma a metodologia afetiva de pesquisa da sociedade capitalista proposta por Ann Cvetkovich (2024), por meio de perguntas do tipo “Como se sente o capitalismo?” ou “Como se sente o racismo?”

numa subjetividade repleta de sonhos, hábitos e fantasias, que muitas vezes se opõem à consciência dos próprios interesses e ameaçam a reprodução proletária.

O marxismo louco, portanto, parte da intuição de que *multidões sintomáticas* poderiam fornecer os recursos para um “povo que falta”: a *classe do “perturbariado”*. Será que os discursos através dos quais as pessoas hoje se autodenominam “ansiosas”, “panicosas” e outros difusos rótulos psiquiátricos abrem possibilidades de comunidade afetiva? Estamos testemunhando um deslocamento das *práticas militantes de autoconsciência coletiva em direção aos autodiagnósticos individuais e às campanhas liberais de “conscientização”*? Por que não pensar que ao nos chamarmos de “neurodivergentes” ou “psicodissidentes” estamos produzindo um “novo sujeito”? “Um nós que é tanto aquilo por que se luta quanto o agente da luta” (Fisher, 2018, p. 133)? Poderá isto abrir novas “políticas proletárias de desidentificação”, cuja tática seja a de antagonizar o aparelho normalizador do capital, ao contrário das “políticas neoliberais de identidade” que procuram o reconhecimento *necessário e insuficiente* deste sistema? (Fisher, 2018, p. 166) O que esconde a suspeita que recai sobre essas operações, que costumam ser menosprezadas como identificação com o sintoma, vitimização e cancelamento entre os sofreadores? Através do autodiagnóstico, o individualismo da época pode encontrar um canal coletivo?

O que diria Fisher sobre a expansão da saúde mental no discurso mediático, sobre os *Mad Studies* e o ativismo neurodivergente? Embora nunca saberemos, proponho arriscar o seguinte: para Fisher, a “hauntologia” é um exorcismo dos *fantasmas do passado* (o que *já não é*, mas pode ser reatualizado) e dos *espectros do futuro* (o que *ainda não é*, mas ressoa no presente como potencialidades latentes). Nessa linha, o inglês invoca o cerco dos “futuros perdidos”, incitando à criação de um “grupo de pressão” que seja um “renascimento do movimento antipsiquiatria”. Hoje a resposta à condição psíquica degradante é marcada pelas imagens melodramáticas da cultura terapêutica, pela competição identitária entre os doentes, pela assimilação institucional das organizações clássicas de usuários, pelo marketing do mercado de entorpecentes e pelo profissionalismo do sistema convencional de Saúde Mental. Já K-punk procura “converter os problemas generalizados de saúde mental com condições medicalizadas em antagonismos efetivos” (Fisher, 2020a, p. 132). Não partilhamos uma tradição intelectual nem uma identidade política, o que temos em comum é que o capital é contra a nossa saúde mental.

Fisher diz: assim como Laing, Cooper, Basaglia, Foucault ou Guattari “formaram uma coalizão em relação a condições extremas como a esquizofrenia”, politizando a loucura como dissidência contra a ordem social, no presente torna-se urgentemente necessária uma *práxis anticapitalista* em torno dos “transtornos muito mais comuns” (Fisher, 2020a, p. 37). Esta preocupação com a “politização da doença” está inscrita na história dos *arquivos contraculturais* em saúde mental: o *Coletivo Socialista de Pacientes*, na Alemanha, na década dos 1970; Judi Chamberlin e os sobreviventes da psiquiatria no Canadá e nos Estados Unidos (2023); o *Sindicato dos Pacientes* na Inglaterra; os *Mad*

9 “Perturbariado” seria o equivalente em português de “trastornariado” em espanhol, uma noção cunhada pela ativista “La antropóloga trastornada”, pseudônimo de quem escreve o blog <https://autoetnografa.com/2019/02/06/que-es-el-trastornariado/>

Studies, o movimento maluco e a militância neurodivergente em nossos dias, tanto local quanto mundialmente. Publicações recentes como *Health Communism* de Alder-Bolton e Vierkant (2022), *Mad World* de Frazer-Carrol (2023) ou *Empire of Normality* de Chapman (2023) tornam promissora a localização das hipóteses fisherianas no universo das lutas antissistema que visam criar um “novo tipo de agente coletivo, uma nova possibilidade de falar na primeira pessoa do plural” (Fisher, 2021, p. 453).

O *movimento sintomático* pode ser um termo guarda-chuva no qual se articulem mal-estares diferentes e desiguais, provenientes de experiências maníacas, depressivas, loucas, bulímicas, limítrofes ou viciantes. Um termo guarda-chuva na construção do *contrapoder do “perturbariado”*. A “propagação da cultura terapêutica”, pelo contrário, foi uma das estratégias com as quais “o neoliberalismo privatizou e neutralizou o movimento de autoconsciência” das contraculturas dos anos sessenta e setenta (Fisher, 2020b, p. 491). A despolitização da saúde mental bloqueia a capacidade de redefinir os problemas pessoais como efeitos de estruturas sociais de opressão, sendo este o primeiro passo na formação de uma *consciência coletiva radical*. Se na autoconsciência os outros podem ser vistos como companheiros de luta e sofrimento, na *virada terapêutica do capital* os outros são objetos de desprezo e competição. Quando a consciência de classe se torna “identidade de classe”, o ressentimento é distribuído entre os próprios oprimidos. Já Fisher chamava de “antiterapia” a uma experimentação contra o *realismo manicomial, farmacológico e terapêutico*, que afirma não haver alternativas à estreita “solução individual” dos problemas coletivos. Como não podemos mudar o mundo, só temos o consolo de nos transformarmos a nós mesmos? Nas palavras do nosso autor: “se a mudança sistêmica não pode ocorrer, tudo o que podemos fazer é tirar proveito do capitalismo” (Fisher, 2020b, p. 487).

Através da “consciência de grupo subjugada” (Fisher, 2022, p. 149), K-punk nos legou uma prática concreta para dissecar nossa inserção libidinal no moedor de carne do capitalismo. Se grupos subjugados podem desejar contra os seus próprios interesses e competir entre pares, a tarefa é detectar os sistemas sociais que estão em jogo nas diferentes experiências vividas, *objetivando* os problemas desiguais e partilhados que nos unem. Não se trata de uma consciência descritiva do estado de subjugação, mas de uma consciência crítica do potencial político do grupo subjugado: “movimento”, “deslocamento”, invenção de uma subjetividade capaz de fazer dos sentimentos negativos uma premissa contra a positividade obrigatória do *felicismo* ou *euforismo* neoliberal. Com efeito, o programa fisheriano de articulação da “consciência de classe”, da “autoconsciência feminista” e da “consciência psicodélica” (Fisher, 2021, p. 123) tem como objetivo uma “tomada da inconsciência” para interferir os pesadelos da razão capitalista.

Eis a questão: qual é o custo subjetivo que pagamos por suportar a doentia normalidade, por fazer de conta que um “sistema inerentemente disfuncional (o capitalismo) [...] pareça funcionar”? (Fisher, 2020a, p. 37). O realismo narcótico e terapêutico nos encoraja a “deixar para trás as tristes paixões que nos intoxicam”. Seus parâmetros exigem “ter boa aparência e sentir-se bem” dentro de um “modelo de saúde hedônico e reducionista” (Fisher, 2018, p. 65). Em que se baseia a normalidade capitalista? No trabalho e no consumo?

Na adaptação ao mercado? O problema não é apenas que o trabalho nos enlouquece, mas que definimos saúde e doença de acordo com os padrões de produtividade do trabalho. É a partir do carácter inerentemente *sensatista e capacitista* do trabalho no capitalismo que são divididas as vidas exploráveis e as não produtivas, as adequadas para o trabalho e as inválidas, as lucrativas e as residuais e descartáveis. O “perturbariado” não é uma hipótese que substitua o proletariado, o precariado ou o cognitariado. Constitui o sintomático de uma classe transversal, que abrange não apenas aqueles que vivem e sofrem e às vezes desfrutam do seu trabalho; mas também aqueles que dificilmente poderiam ser explorados ou aqueles outros que diretamente não são considerados trabalhadores aptos e funcionais.

O marxismo louco, conseqüentemente, não postula uma nova identidade, mas sim uma densa zona de experimentação através dos mal-estares e sintomas. Mas, o que é o louco do marxismo de inspiração fisheriana? Poderíamos traçar quatro significados da loucura em Fisher: a experiência da “destituição subjetiva”; a politização da “doença mental”; o estado de “raiva politizada”; e o desvio “fora do comum e arrepiante” das normas psicossociais do capital. Como se verá, a loucura aqui não se refere a uma noção psiquiátrica, mas a uma *categoria política*. Por outro lado, a *normalidade do capital* é pensável a partir de Fisher em termos estatísticos (o carácter massivo das “patologias mentais”), em termos morais (“ideais sanitários”) e como dispositivo de normalização (a aceitação do colapso mental). A normalidade é, então, normatividade e governo das emoções da parte do *santitarismo do capital*. O *laboratório de utopias concretas* da “antiterapia”, a “autoconsciência de classe interseccional” e o “comunismo ácido”, então, podem contribuir para a passagem da antipsiquiatria ao ativismo de saúde mental na primeira pessoa. E na Argentina, *da Saúde Mental Comunitária à comunidade de sintomáticos*.

5. ECONOMIAS DO MAL-ESTAR: ENTRE A INADEQUAÇÃO E A SOBREADAPTAÇÃO

A mercantilização do mal-estar, os ajustes sanitários, as campanhas liberais de “sensibilização”, os relatos confessionais de pessoas famosas, a literatura de autoajuda, as novas aplicações digitais da psicologia virtual, entre outros, tendem a reforçar o domínio do psicopoder farmacêutico e terapêutico sobre as emoções. Pelo contrário, o anticapitalismo na saúde mental inspirado em Fisher pode ser um território espinhoso de elaboração política através dos sintomas, no qual sejam cultivados os potenciais de um “modo de coletividade diferente que está por vir” (Fisher, 2018, p. 233). Como mantermos a confiança e o entusiasmo quando essas emoções beiram o desespero e a perda? O desejo de transformação costuma se topar, muitas vezes, com adversidades inevitáveis e labirintos de todos os tipos. Como seguir em frente apesar das derrotas? Como continuar tentando justamente por causa dos fracassos, das ausências e das decepções? Estamos

queimados e descrentes. Inseguros. Mas, ainda assim, algo em nós sabe que sempre foi possível chorar e brigar e curtir ao mesmo tempo.

Esta situação de crise emocional habilita, para Fisher, a possibilidade de delinear uma fundamentação sistêmica, uma vez que “as pessoas estão exaustas e superestimuladas”. E pior ainda, elas estão conscientes de que as coisas vão mal, mas ainda mais conscientes de que não há nada que possam fazer a respeito. Estas frases contribuem para desandar a *economia política* e a *economia libidinal do mal-estar* (Fernández-Savater, 2024), repensando a saúde mental não como um ideal normativo ou um estado de equilíbrio emocional, mas como uma força opressiva sob o domínio do capital. Por um lado, os “mortíferos efeitos psíquicos” são consequência de estruturas injustas de exploração e dominação: trabalho precário, emergências alimentares, crise habitacional, frenesim e atomização digital. Por outro, a “propagação da doença mental” tem dobras inconscientes que são o reverso oculto das suas dimensões estruturais. Os mal-estares mostram que estamos *sobreadaptados* aos ideais do desempenho insaciável, da produtividade avassaladora e da competição brutal. Reproduzimos as exigências pulsionais contra os nossos interesses de classe, enquanto o sistema é indiferente ao desassossego, ao cansaço, e o desgosto. Não somos vítimas passivas do mercado: pelo contrário, somos os seus agentes activos. “Quero mais”, aclama o grito inconsciente do *imperativo da autoestima individual*.

Já o “Não aguento mais” dá testemunho do corpo de uma vida quebrada que, com sua dor, interrompe a máquina. Existe algo em nós que resiste a se enquadrar nos mandatos da subjetividade do mercado? Nos sintomas há uma *inadequação*: uma certa recusa de se ajustar à realidade. O mal-estar revela inconformidade, desacordo ou reprovação diante de situações intrincadas, violências estruturais ou contextos constrangedores. Quebramo-nos porque não podemos, não queremos ou não sabemos como nos adaptar às regras que ditam o funcionamento cognitivo e as exigências incapacitantes do sistema.

Embora com Fisher (2018, p.280) possamos considerar que o mal-estar é a “expressão internalizada de forças sociais reais”, *dizer que o capital é a causa da minha ansiedade não me ajuda a não poder parar*. A denúncia abstracta do capitalismo como causa unilateral dos sintomas é *parte do problema e não da solução*. Porque, de fato, uma “crítica moral ao capitalismo, enfatizando as maneiras pelas quais ele gera miséria e dor, apenas reforça o realismo capitalista” (Fisher, 2020a, p. 33). A transformação das condições de infelicidade estrutural depende, portanto, de uma transformação das *condições objetivas*: salários, tempo e espaço de trabalho, alimentação e habitação, meio-ambiente. Mas também exige transformar as *condições subjetivas* que fazem com que o “ressentimento individual” reine entre os oprimidos e o apego inconsciente ao desempenho, ao egoísmo, à visibilidade pessoal e à competição seja reproduzido, incluso impedindo a nossa prosperidade, apoio mútuo e bem-estar. A ruptura com o realismo capitalista implica quebrar com “o império do eu como guia moral e emocional na engenharia afetiva do capital” (Fisher, 2019, p. 23).

Transformar a “culpa paralisante” em “vergonha produtiva”, “raiva politizada” e “ressentimento antissistema”, eis a tarefa de Fisher. Diante do “capitalismo neurótico e edipizante”, em virtude do qual “se estamos infelizes” cabe a nós resolver, a aposta é

buscar “novas possibilidades produtivas, perceptivas, cognitivas e libidinais” (Fisher, 2022, p. 476). Com base nisso, o marxismo louco poderia se basear em uma teoria da especificidade histórica da *normatividade psíquica, neural e afetiva* na modernidade capitalista, contribuindo para o projeto coletivo de uma crítica à dominação sensitista e capacitista inerente à montagem patriarcal, colonial e racial do capital¹⁰.

Desta forma, no contexto de um aumento “patologizado”, “privatizado” e “mercantilizado” da saúde, é imperativo “desnaturalizar (e politizar) a doença mental” (Fisher, 2021, p. 220). Direcionar o mal-estar contra a sua causa sistemática: o capital e as suas montagens interseccionais de opressão. Pois bem, o apelo fisheriano para “reconhecer que a saúde mental é um problema político” não implica que os danos psicológicos possam ser abordados apenas através de ferramentas tradicionais (ação direta, mobilização massiva, demandas de tipo institucional, pauta de reivindicações); e através de noções clássicas de agência (conscienciosidade, atividade linear, coerência e energia ilimitada, ideais retos, promessas de crescimento e superação do sofrimento). O mal-estar é *conflitivo*: pode dar espaço a derivas libertadoras, reativas ou conservadoras; pode provocar ações de rua, brigas ou refúgios íntimos.

Quando a “politização do stress” não é estabelecida como um mandato moral, as paixões cinzentas podem cumprir *funções contraditórias* nas práticas. O mal-estar estimula, enfraquece ou desfaz grupos, potencializa ou inibe pessoas, mobiliza ou paralisa (Erro, 2024). “Politizar o mal-estar” é uma fórmula atraente, mas um caminho difícil, pois tendemos a ficar presos por *obstáculos reais que* são quase sempre mais fortes do que a nossa vontade. Sentir-se mal pode ser um caminho para ações que ajudem a mudar o mundo e a nos sentirmos melhor, embora muitas vezes afundemos no atordoamento, na neurose e na perplexidade.

Por que não interrogar os *mal-estares nas práticas de politização*, em vez de repetir *ad nauseam* a fórmula “politizar o mal-estar”? Numa *leitura enlouquecida de Fisher*, as afeições amargas não são obstruções à política, cujas temperaturas devem ser banidas ou silenciadas. Trata-se de abordar sentimentos desagradáveis no solo pantanoso das práticas concretas, uma vez que podem rarefazer a nossa habitual compreensão do que é considerado político.

Para Fisher, a construção de uma *alternativa atraente e viável* ao realismo depressivo do capitalismo requer a invenção de novas estratégias de *libertação anímica*. Se é verdade que “precisamos urgentemente de uma nova política de saúde mental organizada em torno do problema daquilo que é público” (Fisher, 2016, p. 137), é porque devemos rastrear as dimensões impessoais que se elaboram nas nossas lesões afetivas. Nesse sentido, a utopia provocativa de Fisher, a promessa do “comunismo ácido”, está orientada para uma “revolução psíquica e social de magnitude quase inconcebível” (Fisher, 2017, p. 153). Seu sonho: reapropriar-se da “Abundância Vermelha”, da nossa riqueza real. Uma nova humanidade capaz de gerar novas formas de amar, de pensar, de cuidarmo-nos a nós mesmos e de agirmos juntos (Fisher, 2021, p. 164).

¹⁰ Veja-se *Ensamblajes neoliberais*, de Expósito, Sacchi, Sadel e Lo Valvo (2022).

A loucura fisheriana do marxismo louco, finalmente, não é um *substantivo* (algo que somos) ou uma *propriedade* (algo que temos). É um arriscado e ambivalente campo de subjetivação. Algo que os sistemas de opressão nos fazem e algo que tentamos fazer através da construção de sentidos antagonistas a partir do *dano desigual e partilhado*. Concluindo, um *verbo* que consiste em enlouquecer a herança revolucionária que vem de Marx e chega até Fisher.

6. CONCLUSÃO: NÃO É LOUCURA, É FASCISMO

O número total estimado de pessoas que vivem com depressão em todo o mundo aumentou 18,4% entre 2005 e 2015. Indicadores significativos também são encontrados no abuso de drogas e no aumento constante do uso e abuso de drogas psicotrópicas. [...] A gestão artificial dos sentimentos é a única coisa que resta a fazer quando a vida deixa de fazer sentido. O suicídio também se torna um indicador relevante hoje. O suicídio moderno, desprovido de qualquer sentido, aponta precisamente para o colapso de todo sentido. Esta realidade pode estar a piorar drasticamente como consequência da pandemia. A OMS alertou para isso, uma vez que a COVID-19 e as draconianas medidas “sanitárias” – impostas pela própria OMS – tiveram um impacto negativo sobre a saúde mental das pessoas. A perda do emprego, o isolamento social e a crise económica constituem fatores ligados à prática suicida [...] Uma rápida olhada à literatura especializada anuncia a crise generalizada de sentido, e revela o ethos narcisista que, impotente face à perda de significado, faz tentativas desesperadas de tentar se segurar... O idiotismo é a fórmula da autossuperação (2023, p. 114).

Quem é o autor desta longa citação? Fisher? Bifo Berardi? Suely Rolnik? Não fosse a menção à pandemia, que o inglês não chegou a vivenciar, talvez poderíamos arriscar que foi ele quem escreveu esse texto, dado certo de família que brota de uma época de precariedade psíquica, de medicalização dos problemas sociais e, mais ainda, dada a crítica ao “idiotismo” como pretensa autossuperação individual do desastre. Mas não. Não é Fischer. Então quem é?

Continuemos lendo:

A biopolítica em Foucault não era uma forma alegre de poder. Endireitava o corpo, cronometrava os tempos, aprimorava os modos e as formas, monitorava a fala, controlava a eficácia do desempenho. A disciplina não era desfrutada, mas era sofrida. No mal-estar, contudo, forças negativas de rebelião e mesmo de revolução ainda poderiam germinar: “onde há poder há resistência”, escrevia Foucault. Mas hoje, que já não vivemos em tempos disciplinares, e que a biopolítica é assistida por uma psicopolítica que mergulha no consciente e no inconsciente dos súditos, a única rebelião à vista é aquela que demanda mais prazer e mais realização dos desejos (rebelião contra o que resta da moralidade, contra o que resta da identidade, de crenças, de definições e convenções). No entanto, isso é tudo menos rebelião. [...] A felicidade, a todo custo, tornou-se uma função governamental (2023, p. 136).

Nesta última citação os ares de proximidade se diluem e as distâncias aumentam. Porém, dá a impressão de um certo diagnóstico compartilhado. Uma série de perguntas e autores que dão o que pensar, nem que seja para distorcer o melhor das nossas tradições emancipatórias. O autor da citação é Agustín Laje, um teórico cordobês, estrela das “novas direitas” na Argentina e na América Latina. E o livro é *Generación idiota*, publicado em meados de 2023. De certa forma, um pouco forçada, Laje está para a filosofia argentina o que Milei está para a política. Um inimigo insuportável, ridículo e odioso, ao qual é difícil de levar a sério até percebermos o poder real e comunicacional que detém. Até que a sua massividade virtual se transforma em repressão e miséria material. Até nos perguntarmos: Quem vota nele e por quê? Quem são os jovens “rebeldes” que leem Laje como o coringa triunfante da “batalha cultural”?

A direita pode politizar a agitação e nós não? É o que penso quando leio Laje dizer que “a direita virou rebelde e a esquerda virou sistema”. Este é o axioma do cordobês pelo qual aqueles que são a favor do sistema dizem que o questionam e aqueles de nós que somos contra ficamos na posição de defender aquilo que nem sequer merece ser defendido (Sztulwark, 2024). Por isso, sem resignação e sem cinismo, pergunto-me: Laje é para as gerações mais novas o que Fisher foi para a minha geração? É uma pergunta estúpida. Exagerada. Eu sei. Mas a ironia esconde, ou melhor, encontra o seu resquício de verdade, simplesmente levantando a cabeça para encarar olho no olho os que *vêm depois de* nós. Porque a direita já está aqui. E, ao que parece, vivemos em tempos “idiotas” que tornam muito necessário levar a sério os inimigos históricos, mesmo quando eles merecem a nossa raiva, frustrações e ressentimentos.

Você leu o último livro de Laje?” foi a pergunta surpreendente de um companheiro de jornada. À semelhança daquela incitação à leitura de Fisher em 2016, o tom desta voz também não deixava lugar para dúvidas. Tinha que ler aquele livro, embora desta vez os motivos são outros, o autor é radicalmente outro e, sobretudo, as conjunturas de ontem e de hoje são tão pouco parecidas que sabemos que quase nada do que antes fizemos servirá para nos enfrentarmos a esta desmesura direitista. Em qualquer caso, intuímos que a loucura do marxismo fisheriano continuará sendo um antídoto contra a loucura fascista dos libertários. Se “o comunismo é uma doença da alma”, como várias vezes disse Javier Milei, seremos o seu sintoma, o que não cabe, o “perturbado” na luta contra o capitalismo desquiciado.

REFERENCIAS

ALDER-BOLTON, Beatrice & VIERKANT, Artie. **Health Communism**: a surplus manifesto. London: Verso, 2022.

BERLANT, Lauren. **El optimismo cruel**. Buenos Aires: Caja Negra, 2020.

CHAMBERLIN, Judi. **Por nuestra cuenta**: alternativas al sistema de salud mental controladas por pacientes. Buenos Aires: Coloquio de Perros, 2023.

CHAMPAN, Robert. **Empire of Normality**: neurodiversity and capitalism. London: Pluto Press, 2023.

CLARE, Eli. **Una brillante imperfección**. Madrid: Continta Me Tienes, 2021.

COLANGELO, Juliana. Parir futuro: luchas personales y colectivas. **Tierra Roja**, 2024. Disponível em: <https://tierraroja.com.ar/parir-futuro/>

COLQUHOUN, Matt. **Egreso**: sobre comunidad, duelo y Mark Fisher. Buenos Aires: Caja Negra, 2021.

CVETKOVICH, Ann. **Depresión**: un sentimiento público. Buenos Aires: Coloquio de Perros, 2024 (no prelo).

ERRO, Javier. **El malestar es otra cosa**. Barcelona: Bellaterra, 2024 (no prelo).

EXPÓSITO, Julia, SACCHI, Emiliano, SADEL, Matías & LO VALVO, Emilio. **Ensamblajes neoliberales**: mutaciones del capitalismo contemporáneo. Vicente López: Red Editorial, 2022.

EXPOSTO, Emiliano. La historia de la filosofía es la historia es de la depresión masculina. **Tierra Roja**, 2022. Disponível em: <https://tierraroja.com.ar/la-historia-de-la-filosofia-es-la-historia-de-la-depresion-masculina/?fbclid=IwAR1BMtpFMu9MfMuFqoN76ToegLxi2Q2aSjSlc5n2RfhDX1JRoMmB9UmVva0>

EXPOSTO, Emiliano. **Las máquinas psíquicas**: ¿Qué hacer con la crisis de la salud mental? Buenos Aires: Nido de Vacas, 2023.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. **Capitalismo libidinal**. Barcelona: Ned, 2024.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. El cuerpo como zona de sacrificio; economía política y libidinal del malestar. **CTXL Contexto y Acción**, 2024. Disponível em: <https://ctxt.es/es/20240301/Firmas/45863/Amador-Fernandez-Savater-suicidio-malestar-politizar-vision-en-el-oido-sufrimiento-hedonismo-psicologo-libidinal.htm?fbclid=IwAR2Wfx2HKrVhONRyEJ7qLIKSKJ3zDMU-6D0-BijcSQTjoQW3babLhfLRbGU>

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: ¿no hay alternativa? Buenos Aires: Caja Negra, 2016.

FISHER, Mark. Una revolución social y psíquica de magnitud casi inconcebible. In: AVENESSIAN, Armen; REIS, Mauro. **Aceleracionismo**: estrategias para una transición hacia el postcapitalismo. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

FISHER, Mark. **Los fantasmas de mi vida**: escritos sobre depresión, hauntología y futuros perdidos. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

FISHER, Mark. **K-punk 1**: escritos reunidos e inéditos (Libros, películas y televisión). Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020a.

FISHER, Mark. **K-punk 2**: escritos reunidos e inéditos (Música y política). Buenos Aires: Caja Negra, 2020b.

FISHER, Mark. **K-punk 3**: escritos reunidos e inéditos (Reflexiones, comunismo ácido y entrevistas). Buenos Aires: Caja Negra, 2021.

FISHER, Mark. **Deseo postcapitalista**: las últimas clases. Buenos Aires: Caja Negra, 2024.

FRAZER-CARROLL, Mica. **Mad Word**: the politics of mental health. London: Pluto Press, 2023.

GUGGIARI, Sofía. El saber de nuestros ataques de pánico. **Página 12**, 2023. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/704883-el-saber-de-nuestros-ataques-de-panico>

LAJE, Agustín. **Generación idiota**: una crítica del adolescentrismo. México: Harper Collins, 2023.

MALABOU, Catherine. **¿Qué hacer con nuestro cerebro?** Buenos Aires: Coloquio de Perros, 2024 (no prelo).

MATTIO, Juan. **La sombra de un jinete desesperado**. Buenos Aires: Godot, 2023.

PRATI, Renata. ¿Qué diría la depresión si le hiciéramos preguntas más interesantes?. **Revista Ucronías**, n. 8, p. 41-58, jul.-dez. 2023. Disponível em: <https://ucronias.unpaz.edu.ar/index.php/ucronias/article/view/192>

ROGGERONE, Santiago. **Venir después: notas y conjeturas generacionales**. Buenos Aires: Red Editorial, 2020.

SZTULWARK, Diego. El Idiota. **Lobo Suelto**, 2024. Disponível em: <https://lobosuelto.com/el-idiota-diego-sztulwark/>

WILSON, Elisabeth. **Feminismo de las tripas**. La Plata: Club Hem, 2022.

(Recebido para publicação em 29 de abril de 2024)

(Aprovado para publicação em 28 de maio de 2024)